

DOI: 10.46943/X.CIEH.2023.01.083

SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO DOS BRASILEIROS: PERSPECTIVAS ATUAIS E FUTURAS

Isabelle Patrícia Freitas Soares Chariglione¹

Silvia Beatriz Moreno Diniz²

Tainá Victoria Machado³

RESUMO

Estudos sobre envelhecimento apresentam lacunas sobre as subjetividades desse processo, impactando na maneira como indivíduos vivenciam o próprio desenvolvimento. Entre as dimensões humanas negligenciadas nesses estudos, tem-se a sexualidade que, ainda que fundamental na construção da identidade e na relação do sujeito com o mundo, é pouco abordada. O objetivo do presente estudo é analisar os discursos de jovens adultos brasileiros acerca da sua própria sexualidade e suas formas de expressão, compreendendo como esse processo se relaciona com o envelhecimento. Analisou-se o discurso de 81 respondentes, com média de idade igual a 22,32 anos (DP: $\pm 1,73$). Os dados foram coletados de maneira online e analisados pelo *software* de análise quali quantitativa *IRaMuTeQ* a partir da Análise Fatorial de Similitude, Nuvem de Palavras e Classificação Hierárquica Descendente. Os resultados foram divididos em dois corpus textuais, sendo um deles referente às questões sobre o presente e outro sobre questões

1 Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade de Brasília - UnB, tainavictoria@gmail.com;

2 Graduada pelo Curso de Psicologia da Universidade de Brasília - UnB, silmorenodiniz@gmail.com;

3 Professora Doutora do Curso de Psicologia da Universidade de Brasília- UnB, ichariglione@unb.br.

futuras. Comparando-se os *corpus*, tem-se como resultado a importância de elementos como o corpo e o prazer nas vivências atuais, enquanto nas prospecções houve a valorização de relacionamentos estáveis. Observou-se que os discursos de adultos acerca da sexualidade mostram-se plurais e diversos, ademais, majoritariamente focados em um imaginário social que corrobora um ideal hegemônico de sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade, Envelhecimento, Adulterez.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano é impactado por múltiplos aspectos, desde fatores genéticos e biológicos até aqueles que são socialmente construídos e variados segundo as organizações humanas, culturais e situacionais (Dias; Oliveira, 2013; Kalache, 2020). Nesse âmbito, Couto (2021) aponta para discussões que restringem o desenvolvimento a “fases da vida” específicas, entendidas como infância, adolescência, adultez e velhice, que determinam as posições sociais e comportamentos que os sujeitos devem performar dentro da sociedade.

Tal diferenciação dificulta a compreensão do envelhecimento enquanto processo contínuo durante a vida, restringindo possibilidades de expressões e causando sofrimentos aos indivíduos que não desejam ou não conseguem ocupar tais locais sociais premeditados (Castro *et. al.* 2020). Ao compreender o envelhecimento sob a perspectiva do desenvolvimento humano e social, é possível analisá-lo também a partir de outras gerações além daquelas que já vivenciam a velhice, uma vez que as noções dessas também são fatores relevantes para compreender os rumos do envelhecimento populacional e quais papéis sociais poderão ser assumidos no futuro. Essa ideia já aparece em destaque, por exemplo, em estudos do âmbito do mercado de trabalho (Dias, 2023) e de consumo e marketing (Dias, 2022).

Os estudos sobre envelhecimento humano, dessa forma, ainda precisam considerar outras etapas de vida que não só a velhice para suscitar discussões sobre o envelhecer. A adultez, por exemplo, é uma etapa que acolhe diversas gerações e é possível encontrar em cada uma delas inúmeras especificidades e diferenças entre indivíduos que as compõem. A conhecida como “adultez emergente”, que compreende jovens que estão na transição entre a adolescência e a fase adulta, é produto dos aspectos culturais que passaram por um processo de individualização, tornando as práticas de socialização mais amplas e diversas (Carneiro; Sampaio, 2015) e caracterizando uma geração que acompanha as mudanças coletivas dos sujeitos em relação a si mesmos, ao outro e ao mundo.

Nesse âmbito, é importante também considerar como tais gerações planejam envelhecer, e quais as possibilidades de vivenciar tal envelhecimento. Ainda que o desenvolvimento seja entendido como processo de aprendizagem (Vieira *et. al.* 2016), tradicionalmente o processo de envelhecer é associado com uma lenta e gradual degradação biológica (Sampaio, 2016) e pouco citado nas transformações sociais. Apesar do crescente interesse na área de políticas públicas brasileiras (Rodrigues, 2021), e assim impactando nas reflexões das próximas gerações, o desenvolvimento humano em uma perspectiva do envelhecer ainda continua a ser tradicionalmente invisibilizado em diversas áreas (Rebelo; Borges, 2020), o que dificulta que esse processo seja compreendido de maneira integral, valorizando todos os elementos que o compõem.

Assim, a investigação das experiências do envelhecimento é fundamental para a promoção do bem-estar das pessoas (Aragão; Chariglione, 2019) e, para tal, faz-se necessário constatar práticas e aspectos com impacto positivo na qualidade de vida. Entre esses aspectos, ressalta-se a sexualidade que, apesar de ser um fator para um envelhecimento saudável (Crema; Tilio, 2021), é atravessada por diversos tabus e interditos no processo de envelhecer, sendo historicamente negada aos idosos (Aguiar *et. al.*, 2020).

Esse fenômeno, comum a todas as etapas de vida, pode ser entendido como o uso dos corpos em busca de uma finalidade (Soares; Meneghel, 2021), e é influenciado por diversos fatores como sociais, religiosos, culturais e biológicos, sendo um importante fator para a identidade humana. Na complexidade da sua construção, sua interseção com o processo de envelhecimento torna-se ainda mais inexplorado. Portanto, o presente estudo tem como objetivo compreender a relação entre esses dois construtos, como esses são entendidos pelos indivíduos que agora ingressam na adultez e como esses prospectam suas próprias vivências e de seus pares no futuro.

METODOLOGIA

DESENHO DO ESTUDO

A pesquisa é de caráter quali-quantitativo, de aspecto descritivo e comparativo, e com amostra não-probabilística por conveniência. Esse estudo integra uma pesquisa guarda-chuva¹ cujo fenômeno estudado é a percepção de adultos em relação às vivências atuais e perspectivas futuras sobre a sexualidade. Fez-se um recorte das respostas dos respondentes de jovens adultos, a fim de realizar uma análise mais aprofundada nessa geração, escolhida por representar uma etapa de transição para a adultez e por apontar para caminhos futuros da sexualidade e do envelhecimento. Tem-se como intuito, no presente trabalho, compreender: quais os impactos do contexto geracional nas vivências atuais de sexualidade, e como isso se contrapõe com as idealizações prospectivas?

PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada com 81 respondentes de 18 a 25 anos, com média de idade igual a 22,32 anos (DP: $\pm 1,73$), residentes nas diversas regiões do Brasil. Todos consentiram participar voluntariamente da pesquisa, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A caracterização da amostra pode ser observada na Tabela 1.

Tabela 1 - Caracterização Sociodemográfica dos Participantes

Categoria	Distribuição	Percentual
Escolaridade		
Ensino Médio incompleto	1	1,23%
Ensino Médio completo	3	3,70%
Graduação incompleta	59	72,84%
Graduação completa	11	13,58%
Pós graduação incompleta	2	2,47%
Pós graduação completa	5	6,17%

Categoria	Distribuição	Percentual
Região		
Norte	0	0%
Nordeste	6	7,41%
Centro-Oeste	56	69,14%
Sudeste	17	20,99%
Sul	2	2,46%
Religião		
Catolicismo	17	20,99%
Espiritismo	4	4,94%
Protestantismo	6	7,41%
Sem religião	49	60,49%
Outro	5	6,1%
Orientação Sexual		
Bissexual	32	39,51%
Heterossexual	27	33,33%
Homossexual	18	22,22%
Outro	4	4,29%
Estado Civil		
Casado/a	2	2,47%
Em relação estável	27	33,33%
Solteiro/a	52	64,20%

Fonte: Elaborado pelas autoras

Na caracterização da amostra, destaca-se a homogeneidade da população participante. Enquanto características gerais da população, encontra-se um grupo com alta escolarização (95,06% com mínimo de ensino superior incompleto), do Centro-Oeste (69,14%), sem religião (60,49%), não hetero (66,02%), solteira (64,20%) e sem filhos (98,77%). Tais fatores localizam o estudo em quesito de contexto, cultura e espaço geográfico. Para além dos dados homogêneos e destacados na tabela, também foi coletado se os participantes possuíam filhos (80 participantes - 98,77% da amostra - não possuía), e gênero (52 participantes - 64,20% da amostra - eram mulheres cisgêneros, 26 participantes - 32,10% - eram homens cisgêneros, 1 participante - 1,23% era travesti - e 2 participantes se identificaram com "outros".)

INSTRUMENTOS

Para tal estudo, utilizou-se um formulário on-line na plataforma *Google Forms*. Esse instrumento continha o objetivo da pesquisa, etapas e informações gerais sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Na primeira etapa, havia um questionário sociodemográfico para caracterizar a amostra. A segunda etapa era composta pelas questões referentes às vivências atuais e prospecções para vivências futuras da sexualidade: 1) "O que é viver plenamente a sexualidade?"; 2) "Como você, particularmente, vivencia a sexualidade no agora?"; 3) "Como você pretende viver a sexualidade quando for idoso(a)?"; 4) "Deixe sua visão de como sua geração vivencia a sexualidade no agora."; 5) "Como as próximas gerações irão vivenciar a sexualidade, na sua opinião?" e 6) "O envelhecimento pode impactar na percepção e vivência da sexualidade? Se sim, como?".

PROCEDIMENTOS DE COLETA

O formulário de coleta foi disponibilizado nas plataformas de redes sociais *Instagram*, *Twitter*, *LinkedIn*, *Facebook* e *WhatsApp* durante o período de 45 dias. A coleta on-line foi priorizada pela possibilidade de atingir um público maior de várias regiões do país.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O presente projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília, CAEE: 58603822.4.0000.5540, parecer de aprovação nº 5.460.127.

ANÁLISE DE DADOS

O discurso dos participantes foi organizado em dois corpus textuais, um referente às questões sobre o presente e outro sobre as questões sobre o futuro. Analisou-se esses dados no *software* IRaMuTeQ.

Para o presente estudo, utilizou-se as análises chamadas Classificação Hierárquica Descendente (CHD), Análise de Similitude e Nuvem de Palavras (Camargo; Justo, 2013). Na primeira delas, CHD, são desenvolvidas classes estáveis de palavras de acordo com os elementos encontrados nos discursos dos participantes, que são organizados em um arranjo de termos. As categorias geradas nessa análise evidenciam a relação entre esses elementos.

A Nuvem de Palavras coloca as palavras mais utilizadas nas respostas em destaque, com uma fonte maior que aquelas que não aparecem com tanta frequência. A Análise de Similitude, por fim, possibilita identificar a correlação entre as palavras e seus resultados, apontando para conexões entre os termos e construindo uma estrutura de identificação. Todas as análises utilizadas para a construção do presente estudo foram realizadas com nível de significância da associação da palavra com a classe de $p \leq 0,05$.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

PERSPECTIVAS PRESENTES

Analisou-se, na CHD considerando dois *corpus* diferentes: sobre o presente (C1) e sobre o futuro (C2). O primeiro, C1, possui 176 segmentos de texto no total, sendo considerados pelo software, para análise, 108 segmentos. Além disso, houveram 5653 ocorrências, com 1328 formas distintas. A partir disso, o grupo de elementos foi dividido pelo IRaMuTeQ segundo a média de frequência dos componentes textuais.

O Dendrograma do C1 (Figura 1) evidencia a divisão do corpus em classes estáveis, bem como a ligação das classes entre si, considerando apenas palavras com χ^2 de associação à classe ($p \leq 0,05$), conforme orientado pelo Tutorial do IRaMuTeQ (2013). No total, foram categorizadas quatro classes, ramificadas e subdivididas conforme a Figura 1:

Figura 1: Dendrograma de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) referente ao Corpus 1 (C1)



A Classe 1 (24,1% do corpus), Informação e Saúde em Sexualidade, abordou discursos sobre “informação”, “sexo”, “Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)”, “gravidez” e “gênero” e aponta para questões relacionadas a preocupações compartilhadas socialmente em relação à sexualidade e algumas de suas consequências. Essa classe contém elementos que estão ligados com questões de saúde pública, trazendo termos tanto sobre a saúde do corpo em si quanto sobre o conhecimento em relação aos aspectos aqui abordados.

A Classe 2 (24,1%), foi intitulada de Ser e Estar na Sexualidade e coloca à tona palavras que remetem à ação, ao colocar-se a experimentar a sexualidade. Nessa classe, nota-se que parte significativa dos termos são verbos, como “querer”, “respeitar”, “aceitar”, “estar”, “entender”, mostrando uma vivência ativa da sexualidade - ou um desejo para tal.

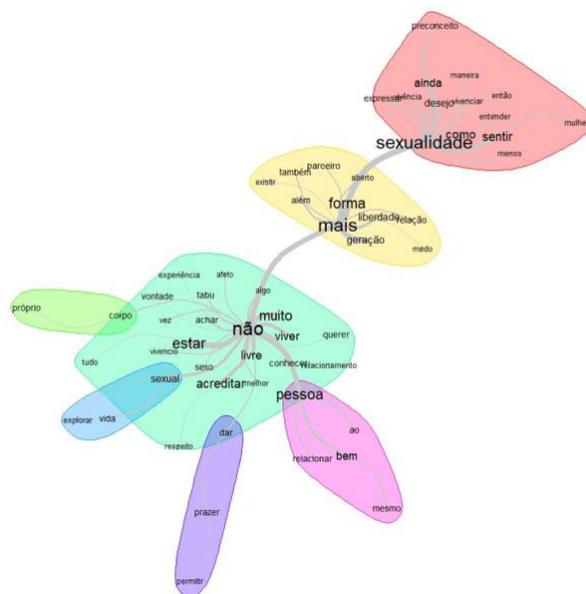
A Classe 3 (25%), Preconceitos na Vivência da Sexualidade, que carrega consigo palavras que ligam-se com julgamentos na maneira

Nota-se que “mais” e “não” são alguns dos termos de maior relevância no discurso dos participantes. O primeiro termo, em especial, remonta à uma perspectiva de discursos ligados a algo que se acrescenta na sexualidade do presente (como por exemplo “mais desejo”, “mais amor”, “mais sexo”), que pode ser positivo, ou que acrescenta no sentido de limitar essa vivência, como “mais preconceito”, “mais medo”, “mais limitações”. O segundo, por sua vez, pode indicar a falta de algo, que pode ou não atribuir uma perspectiva positiva dessa vivência, como, por exemplo, “não posso”, “não quero”, “não preciso”, “não sei”.

Destaca-se também “sexualidade”, “pessoa”, “estar”, “sentir” e “acreditar”. Essas são palavras que remetem a comportamentos, formas de colocar-se de maneira ativa frente à própria expressão da sexualidade (“estar”, “acreditar”), e que também exprimem, por outro lado, como as pessoas são atravessadas por essa dimensão humana (“sentir”).

A Análise de Similitude complementa a Nuvem de Palavras, evidenciando os termos “não”, “mais” e “sexualidade”. A partir dessas palavras, outros termos se ramificam e formam uma conexão com os elementos centrais, como ilustrado pela Figura 3:

Figura 3: Análise de Similitude referente ao Corpus 1 (C1)



Observa-se que o “não” é ramificado para termos como “acreditar”, “livre”, “viver” e “pessoa”, atribuindo uma perspectiva negativa a esses conceitos. O “mais”, por outro lado, ligado à “liberdade”, “medo”, “relação”, “forma”, aponta para um acréscimo àquilo que já existe nas vivências da sexualidade, podendo estar ligado a características positivas ou negativas. O outro termo central é o próprio “sexualidade”, que se ramifica em “sentir”, “desejo”, “expressar”, “preconceito”, “mulher”, mostrando que, ainda que os discursos dos adultos estejam alinhados, são diversos e perpassam por diversos elementos diferentes.

Ainda relacionado à CHD, é possível discutir a Classe 1, que, por apresentar aspectos de prevenção em saúde, trata de pautas “a serem combatidas” da vivência da sexualidade, desde ISTs à gravidez, que denota maior atenção em saúde. Nesse sentido, essa é direcionada a uma perspectiva biológica da sexualidade, relacionando-a diretamente ao ato sexual e disseminando tais aspectos, com o objetivo de prevenir doenças, principalmente entre “populações de risco” (Barp; Ferreira, 2022). A presença desses discursos no imaginário social corrobora com o ideal hegemônico de sexualidade, presente nos diferentes ciclos de vida, que reduz a sexualidade somente aos seus aspectos biológicos (Luz; Kaufman, 2020, Santos et al., 2020).

De maior correlação com a Classe 1, está a Classe 3. Essa também denota aspectos referentes à vivência coletiva da sexualidade. No entanto, distinguindo-se da Classe 1, a Classe 3 mostra que entre os participante há a compreensão de que existe uma normatividade imposta à sexualidade, que determina as possibilidades de vivência desta, e que pode ser causadora de sofrimentos aos sujeitos que não se encaixam neste padrão. Aqui, então, é apresentado outro discurso que começa a ser disseminado entre a população.

Questionamentos sobre a normatividade sexual tiveram início com a revolução sexual das décadas de 1970 e 1980, onde reivindicações relacionadas à diversidade em orientação sexual começaram a ser realizadas, uma vez que o movimento LGBTQ+ teve avanços significativos em sua organização coletiva, como resistência à ditadura e na busca do combate à epidemia de HIV/AIDS (Ferreira; Sacramento, 2019),

além de movimentações feministas a favor da libertação sexual e de gênero (Crema; Tilio, 2021). Gerações mais novas, então, cresceram já tendo familiaridade com tais discursos e movimentos, fazendo com que o questionamento à normatividade sexual seja mais presente em suas falas também.

É possível também compreender a correlação entre as Classes 2 e 4. A análise conjunta dessas Classes indica que nesse *sub-corpus* são abordados aspectos subjetivos da vivência da sexualidade, abordando quais as temáticas ressaltam mais aos participantes quando se pensa a sexualidade vivida a partir da sua própria perspectiva. Em geral, aspectos referentes às possibilidades de vivência saudável da sexualidade são elencados, contrapondo os discursos sociais apresentados anteriormente.

A fragmentação entre o sub-corpus das Classes 1 e 3, e das Classes 2 e 4, indica que há uma divisão entre o que os participantes consideram entre o discurso social da sexualidade e os desejos de vivência desta num âmbito subjetivo. Ao passo que a vivência coletiva da sexualidade é marcada por um aspecto negativo, onde foi destacado as patologias e limitações, a vivência subjetiva e individual é marcada por palavras positivas, ligadas ao desejo de vivência de uma sexualidade plena, afetiva e saudável.

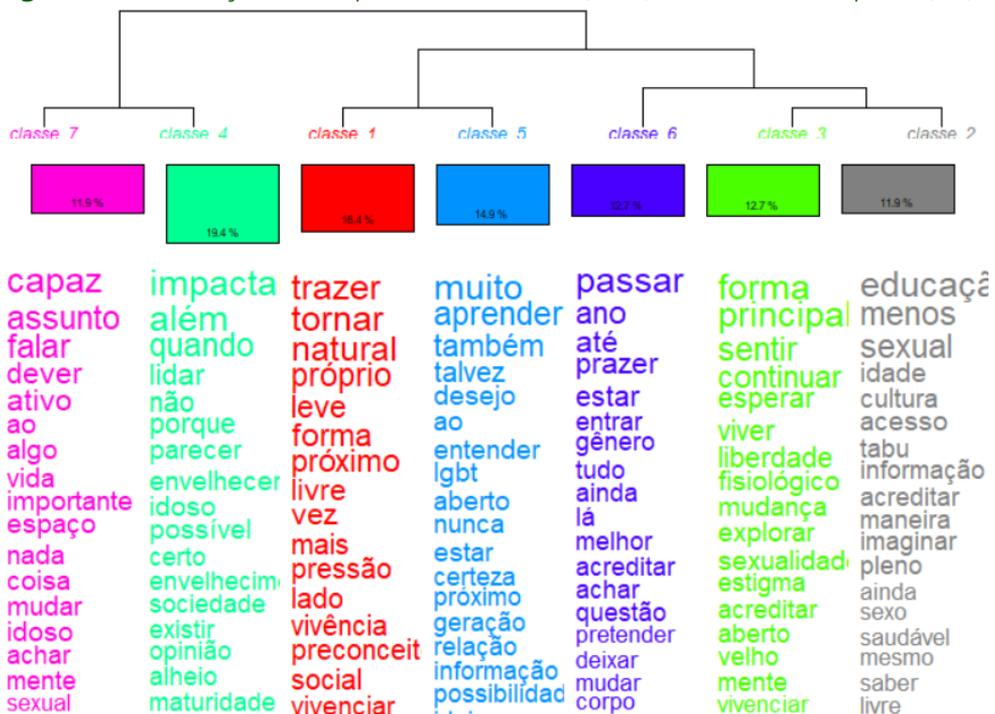
Esse aspecto corrobora com Oliveira (2021), onde se questiona, baseado na teoria foucaultiana, a ideia de que a sexualidade foi reprimida ao longo dos séculos. Diferentemente desse pensamento comum, o autor ressalta que a sexualidade não foi simplesmente silenciada, mas sim normatizada e permitida de ser expressa dentro de parâmetros determinados. Desse modo, é possível esperar que os desejos subjetivos de vivência da sexualidade estejam apartados das expectativas e normas sociais. Essa divergência é a causa de diversos sofrimentos entre aqueles que não vivem a sexualidade dentro de uma perspectiva normativa (Baère, 2019).

A Nuvem de Palavras e a Análise de Similitude também dialogam com essa dimensão sobre a importância dos contextos sobre as possibilidades de desenvolvimento, uma vez que apontam as contradições da realidade, ao passo em que são expressos desejos de mudança, também são apontadas as limitações contextuais referentes a eles.

PERSPECTIVAS FUTURAS

O segundo *corpus* textual analisado, C2, possui 162 segmentos de texto no total, sendo considerados 134 segmentos para análise do IRaMuTeQ. Obteve-se 5159 ocorrências, com 1278 formas distintas. O Dendrograma do C2 dividiu o *corpus* em seis classes estáveis, conforme a Figura 4. As classes 7 e 4 aparecem relacionadas entre si e de maneira isolada das demais, que se dividem nas classes 1 e 5 (também diretamente relacionadas) e nas classes 6, 3 e 2. Essas últimas duas se apresentam como subclasses, se dividindo e ligadas diretamente com a classe 6.

Figura 4: Classificação Hierárquica Descendente (CHD) referente ao Corpus 2 (C2)



A Classe 1 (16,4% do corpus C2), foi denominada de Dicotomias na Vivência da Sexualidade e traz à luz tensões entre formas de experienciar esse fenômeno no processo de envelhecimento. Nessa mesma classe, existem termos como “natural” e “leveza” ao oposto de “pressão” e “preconceito”, apontando para duas faces opostas nesse fenômeno,

que podem coexistir, inclusive, na vivência de um mesmo indivíduo a depender, por exemplo, do espaço em que esse está inserido, da parceria, do momento de vida ou da idade.

A Classe 2 (11,9%), chamada de Educação, Cultura e Sociedade, exprime questões mais coletivas sobre essa temática, acolhendo termos como “educação”, “cultura”, “informação”, “acesso” e “tabu”, trazendo à tona a importância de aspectos sociais na vivência do fenômeno investigado e como a socialização das informações sobre tal tem um impacto na maneira como as pessoas o enxergam.

A Classe 3 (12,7%), Mudanças e Permanências da Sexualidade no envelhecer, coloca em destaque termos que sinalizam as diferenças na experiência em sexualidade ao longo do processo de envelhecer. Palavras como “mudança” e “continuar”, “liberdade” e “estigma” trazem a perspectiva de alterações significativas na vivência desse construto, assim como a manutenção de outros elementos.

A Classe 4 (19,4%), intitulada de Os Impactos da Maturidade na Sexualidade, aborda termos como “maturidade”, “impacta”, “possível”, “envelhecer”, “não”, “envelhecer”, “opinião”, “alheio”, “sociedade”. Essas palavras parecem trazer uma conotação negativa desse processo, com termos negativos associados à opinião e sociedade, levantando a importância do debate sobre os efeitos da sociedade e do “externo” na construção que as pessoas têm em relação à própria sexualidade ao longo do processo de envelhecimento.

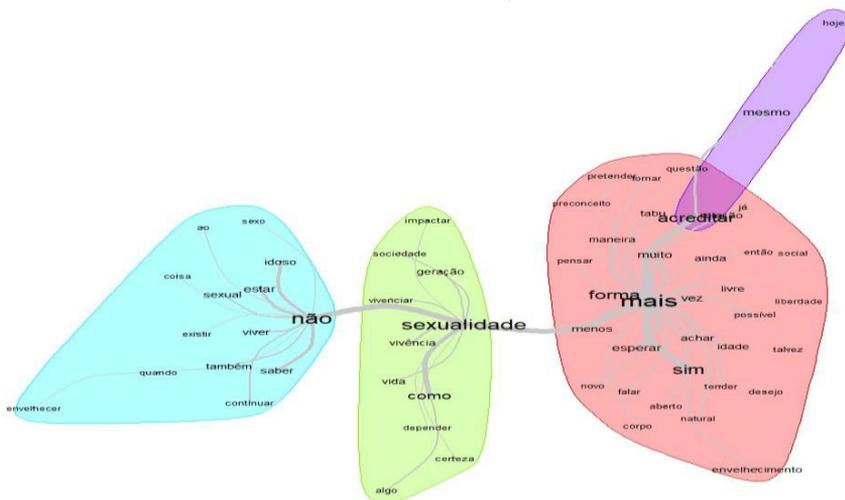
A Classe 5 (14,9%), Abertura à Experiência, mostra um desejo dos participantes para estarem receptivos ao sentir e experimentar a sexualidade no futuro. Essa classe contém palavras como “aprender”, “aberto”, “desejo”, “relação”, “possibilidade”, “entender” e indica um caminho possível de autoconhecimento sobre a temática que pode ser construído ao passo que se envelhece e que existe a possibilidade de conhecer mais sobre os próprios gostos, desejos, vontades, amores e desamores.

A Classe 6 (12,7%) foi chamada de O Impacto do Tempo no Corpo e em suas Relações e traz uma perspectiva importante sobre o envelhecimento. Nela, tem-se termos que compõem um aspecto de temporalidade como “passar”, “ano”, “até”, somado a planejamentos como “pretender”,

O destaque desses mesmos termos também nos discursos sobre sexualidade no futuro apontam para a compreensão de que existem aspectos desse fenômeno ligados à uma oposição, com a presença do “não”, podendo ser uma oposição que caminha rumo à liberdade ou rumo à restrição dessa vivência. Além disso, a presença do termo “mais” aqui também evidencia um acréscimo a algo que já existe na experiência atual desse fenômeno.

Ainda semelhante aos resultados do C1, a Análise de Similitude do C2 também coloca, em sua representação de conexões entre os termos, “mais”, “sexualidade” e “não” como eixos centrais para a ramificação de outras palavras encontradas nos discursos, como mostra a Figura 6:

Figura 6: Análise de Similitude referente ao Corpus 2 (C2)



Nessa análise, “sexualidade” aparece como a palavra central e a partir dela as outras palavras se ramificam. Esse movimento pode apontar para um desejo de ter no futuro o que agora não é permitido, de que se “acrescentem” vivências e elementos na sexualidade. Por outro lado, o “não” continua relevante nessa análise, trazendo a perspectiva da ausência de algo - o que pode ou não ser positivo na experiência do fenômeno estudado.

Tal qual os resultados do presente, os resultados relacionados às idealizações futuras também se destacaram em alguns aspectos. Em

primeiro lugar, tem-se a multiplicidade de ideias sobre a sexualidade a longo prazo. Isso pode ser percebido tanto na CHD, ao notar a quantidade de Classes apresentadas (7). A quantidade de classes demonstra uma dificuldade em se pensar nesse futuro, que pode estar relacionada tanto com a etapa de vida e aspecto geracional, quanto o tabu generalizado em conceber a sexualidade no envelhecer.

Em geral, os processos de envelhecimento são relacionados a uma gradual a- sexualidade, em que se destaca a perda de virilidade para homens (Rohden, 2011) e a perda de lubrificação vaginal para mulheres (Morales *et. al.*, 2011; Cerqueira-Córdoba *et. al.* 2012), centrada ainda na ideia de sexualidade enquanto ato sexual, o que acarreta na falta de espaço para reflexão nesse processo.

Outro aspecto a ser considerado são os resultados da Análise de Similitude. A organização dos termos se assemelha com a análise referente ao presente, incitando discussões semelhantes. Destaca-se a importância da experiência presente para a construção de perspectiva futura, já que estas estão sempre relacionadas a um desejo de reforço ou negação da realidade atual. Esse resultado dialoga com os estudos na área da sexualidade (Fernandes; Holanda; Marques, 2021), uma vez que destaca o caráter de mudança contínua em sua construção, a partir dos contextos de vida. A vivência presente está diretamente atrelada ao desenvolvimento do futuro, pois denota o desejo de alterações, novas reflexões e movimentos à procura da mudança ou estabilidade. Essa perspectiva se relaciona não só com a sexualidade, mas com os estudos clássicos sobre desenvolvimento humano como um todo, que pautam o envelhecer como uma contínua construção e aprendizagem ao longo de toda a vida (Kalache 2019).

REFLEXÕES COMPARATIVAS

Nota-se que a análise dessa geração, ao se tratar dos comparativos em sexualidade, foi pautada pelas contradições e dicotomias. A primeira a ser evidenciada se dá a partir das análises de CHD. A análise de CHD presente, como ressaltado anteriormente, trouxe uma contraposição

entre a percepção da vivência coletiva da sexualidade e a percepção de vivência individual da mesma. Ao se tratar da CHD futura, as classes apresentaram maior mistura, e uma distinção menos clara entre as variações de sentido entre elas. Essa perspectiva vai de encontro aos estudos que investigam representações sociais do de jovens no presente (Soares *et. al.*, 2021; Lemos; Fernandes, 2022; Carvalho; Silva, 2021), uma vez que em todas o presente tem maior embasamento na concretude, trazendo elementos materiais ao discurso. Dialogando com, por exemplo, a existência da Classe 1 de CHD do presente, que traz fortemente os elementos de políticas públicas atuais relacionadas à temática. O futuro, no entanto, apesar de também baseado na concretude, abre maior espaço para idealizações e projeções singularizadas, permitindo, que, por exemplo, as percepções de vivência coletiva e individual se misturem mais.

Tem-se a comparação entre as Análises de Similitude, ao se observar os termos “mais” e “não”. Na análise do presente, tais termos ramificam um do outro, entendendo que as possibilidades elencadas pelo “mais” e as limitações apresentadas pelo “não”, apresentam menor distinção, sendo discursos aproximados. No entanto, ao verificar a análise do futuro, tais termos aparecem ramificados a partir do eixo central “sexualidade”, evidenciando que são discursos opostos. Nesse sentido, ao contrário das CHDs, que o presente evidenciou discursos mais demarcados e o futuro apresentou discursos mais difusos, as Análises de Similitude indicam que o presente possui um discurso mais misturado ao se considerar possibilidades e limitações, e o futuro apresenta discursos mais demarcados.

Apesar de soar contraditório, tal resultado também corrobora com os aspectos apresentados até o momento. Ao comparar com outros estudos que abordam as prospecções de jovens e adolescentes (Perondi, 2021; Araújo, 2022; Senkevics; Carvalho, 2023), as idealizações futuras dos jovens estão sempre relacionadas às limitações e potencialidades imaginadas. Tais perspectivas se colocam como contrapontos, em um movimento de tensionamento, onde os desejos positivos se contrapõem às conjunturas limitantes de vivenciá-los. Portanto, entende-se que o presente, apesar de apresentar mais concretude ao se considerar os discursos existentes, também traz maiores contradições, pois a realidade

não se dá de forma perfeitamente alinhada (Silva; Arcanjo 2021), e denota uma mistura maior entre limitações e possibilidades.

Faz-se importante analisar o impacto dos dados sociodemográficos na construção do estudo. Há dois aspectos sociodemográficos que se destacam para a construção da análise: a predominância de participantes sem religião e majoritariamente não hétero. Rosas *et. al.* (2021), estudou a relação da sexualidade com a cristandade, analisando os livros evangélicos e as representações sobre sexualidade presentes nele. Em geral, a sexualidade é pensada em uma perspectiva normativa heterossexual, relacionando o sexo a “abuso, transgressão, perigo, risco e violência”, compreendendo que a cura dessas problemáticas se dá a partir da religião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos dos adultos brasileiros acerca da própria sexualidade e de seus pares mostram-se plurais. Aqueles relacionados a vivências atuais possuem características em comum e apontam para um ideal compartilhado do que seria a vivência plena da sexualidade no agora e quais as maneiras de experimentá-la. As respostas convergem em vários pontos, como questões de gênero e orientação sexual, desejo pelo prazer e contato, além de inquietações sobre saúde sexual e gravidez. Esses pontos em comum podem representar essa construção coletiva que existe sobre o construto ao se pensar na sexualidade no agora.

Os discursos relacionados às prospecções dos adultos, por outro lado, mostram-se mais diversos e sinalizam inúmeros caminhos possíveis para a reflexão sobre a sexualidade e o envelhecimento. Isso ressalta que, de fato, existem diversas possibilidades de envelhecer, diversas possibilidades de experimentar a sexualidade e, portanto, são também muitas formas de vivenciar ambos processos em conjunto. Entretanto, esse mesmo aspecto das respostas também evidencia que existe uma falta de discussões sobre essas temáticas e que isso influencia na maneira como as pessoas entendem o entrelaço desses construtos. Se não há

diálogo aberto sobre vivências e possibilidades, não é possível construir de maneira coletiva uma percepção a respeito do tema.

Nesse sentido, compreende-se como uma potencialidade do estudo a possibilidade de refletir acerca da sexualidade e o envelhecimento. Esse estudo é uma forma de contribuir para suprir as lacunas que existem na literatura acerca das perspectivas e prospecções sobre sexualidade de adultos. Ainda que não seja capaz de representar toda a realidade do país, entende-se que foi possível endossar as produções da área e incentivar questionamentos entre os respondentes e seus pares no Brasil.

Para futuros estudos, entende-se a importância de repensar as ferramentas de coletas de dados, visto que o uso de formulário digital pode ser caracterizado como uma limitação desse estudo. Além disso, há, na presente amostra, um déficit na caracterização sociodemográfica com elementos importantes como raça e classe e, portanto, faz-se necessário aprofundar ainda mais nas questões sobre sexualidade, envelhecimento e outros aspectos interseccionais para obter uma maior representatividade dos brasileiros.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. B. *et al.* Idosos vivendo com HIV – comportamento e conhecimento sobre sexualidade: revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 25, n. 2, p. 575–584, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/zmgcS6zg6CpZjtjzSWC5QHF/#>. Acesso em: 16 de nov. 2023.

ARAGÃO, D. R. DO N.; CHARIGLIONE, I. P. F. S. A Percepção do Tempo através do Processo de Envelhecimento. **PSI UNISC**, vol. 3, n. 1, p. 106–120, 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/12558>. Acesso em: 16 de nov. 2023.

ARAÚJO, M. G. Futuro? Projetos e Estratégias de Jovens da Roda Cultural da Rocinha. Trabalho de Conclusão de curso (TCC em Pedagogia) - **Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2022.

Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/17289>. Acesso em: 14 nov. 2023.

BAÉRE, F. DE. A Mortífera Normatividade: O silenciamento das dissidências sexuais e de gênero suicidadas. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, vol. 2, n. 5, p. 128–140, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/9935>. Acesso em: 12 jun. 2023.

BARP, L., MITJAVILA, M., & FERREIRA, D. D. Gestão biopolítica da Aids: a homossexualidade como fonte de periculosidade social. **Saúde Em Debate**, vol. 46, p. 223– 236, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/gFqPpW-zQHbTBgygm97TJdzL/?lang=pt#>. Acesso em: 12 nov. 2023

CAMARGO-BORGES, C. Terapia social: desenvolvimento humano e mudança social. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, vol. 62, n. 3, p. 48–58, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229017545007>. Acesso em: 12 nov. 2023

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. Iramuteq: Um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, vol. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000200016. Acesso em: 11 nov. 2023.

CARNEIRO, V. T.; SAMPAIO, S. M. R. Adulterez emergente: um fenômeno normativo? *Revista Saúde & Ciência*, vol. 4, n. 1, p. 32–40, 2015. Disponível em: <https://rsc.revistas.ufcg.edu.br/index.php/rsc/article/view/238/236>. Acesso em: 16 de nov. 2023

CARVALHO, A. N. L. de., & SILVA, J. P. da. Sexualidade das Pessoas com Deficiência Física: uma Análise à Luz da Teoria das Representações Sociais. **Revista Brasileira De Educação Especial**, vol. 27, p. 529-544 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/YLh35t97CLMB9fGJkZxGcnP/?lang=pt#>. Acesso em: 13 nov. 2023

CASTRO, B. R.; SILVA, G. O.; CARDOSO, A. V., ROCHA, L. S.; CHARIGLIONE, I. P. F.

S. A expressão do idadismo em tempos de COVID-19: uma reflexão teórica. **Revista Kairós- Gerontologia**, vol. 23, n. 28, p. 479-497, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/51568>. Acesso em: 13 nov. 2023

CREMA, I. L.; DE TILIO, R. Sexualidade no envelhecimento: relatos de idosos. **Fractal: Revista de Psicologia**, vol. 33, n. 3, p. 182-191, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5811>. Acesso em: 12 nov. 2023

COUTO, D. Imagem corporal, uma perspectiva lifespan: Breve revisão narrativa. **Revista Portuguesa de Psicologia da Aparência**, vol. 1, n. 1, p. 23-39, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.52014/rppa.v1.i1.2021.16>. Acesso em: 14 nov. 2023.

DIAS, B. S. Geração Z e o mercado de trabalho: uma revisão bibliográfica. Trabalho de Conclusão de curso (TCC em Administração) - **Escola Paulista de Política, Economia e Negócios**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/66457>. Acesso em: 14 nov. 2023

DIAS, M. C. C.; CRESCITELLI, E.; YOJO, A. S. Engajamento dos consumidores da geração Z em propaganda com mensagem de Responsabilidade Social Corporativa (CSR): uma revisão da literatura. Anais. **Maringá: Anpad**, 2022. Disponível em: <http://anpad.com.br/uploads/articles/120/approved/cb463625fc9dde2d82207e15bde1b674.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2023.

DIAS, S.S.; OLIVEIRA, M.C.S. Deficiência intelectual na perspectiva histórico-cultural: contribuições ao estudo do desenvolvimento adulto. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol. 19, n. 2, p. 169-182, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/HQwb73v6jhsrVZdwJfhXvhc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2023.

FERNANDES, C.; HOLANDA, M.; MARQUES, C. Dossiê Gênero, reprodução, sexualidade, raça e direitos sexuais e reprodutivos. **Teoria e Cultura**, vol. 16, n. 1, p. 12–20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/34719>. Acesso em: 12 nov. 2023.

FERREIRA, V.; SACRAMENTO, I. Movimento LGBT no Brasil: violências, memórias e lutas. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, vol. 13, n. 2, p. 234-239, 2019. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1826>. Acesso em: 11 nov. 2023.

KALACHE, A. *et. al.* Envelhecimento e desigualdades: políticas de proteção social aos idosos em função da Pandemia Covid-19 no Brasil. **Revista Brasileira De Geriatria e Gerontologia**, vol. 23, n. 6, p. 1-3, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/pQvWz8j4JZx8B7PL984MHRQ/?lang=pt#>. Acesso em: 13 nov. 2023

KALACHE, A. Uma revolução da educação em resposta à revolução da longevidade. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, vol. 22, n. 4, p. 1-6, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/S66PFyx5yc4JZDqL8TFbKGM/?lang=pt#>. Acesso em: 12 nov. 2023.

LEMOS, É. F. U., & FERNANDES, J. da S. G. Escolas públicas e particulares: representações sociais de professores. **Revista Brasileira De Educação**, vol. 27, n. 1, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/WJdx6npzWRGVW5yVrFYBW5d/?lang=pt#>. Acesso em: 13 nov. 2022.

LUZ, F. A.; KAUFMANN, L. Sexualidade na Sala de Aula: Visão de Alunos do Ensino Fundamental no Município de Dom Pedrito - Rs. **Diversidade e Educação**, vol. 8, n. 1, p. 238–258, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/11186>. Acesso em: 12 nov. 2023

OLIVEIRA, K. H. DE. Intensos encontros: Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado e a teoria queer. **Revista Estudos Feministas**, vol. 29, n. 1, p. 1-16,

2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/f8xM5gZFZxn9yZwxZ-bxd8Tt/?lang=pt#>. Acesso em: 11 nov. 2023.

PAULI, J.; GUADAGNIN, A.; RUFFATTO, J. Valores relativos ao trabalho e perspectiva de futuro para a geração Z. **Revista de Ciências da Administração**, vol. 22, n. 57, p. 8-21, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/77243>. Acesso em: 14 nov. 2023.

PERONDI, M. Topias, utopias e projeções de futuro de jovens participantes de coletivos sociais. In: ALMEIDA, E. de. *et. al.(org)*, **Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos: uma antologia do GT03 da ANPEd**. São Carlos, São Paulo, p. 359-378, 2021. Acesso em: 12 nov. 2023

REBELO, P. V.; BORGES, G. F. Contributos para o estudo do desenvolvimento do adulto: reflexões em torno da generatividade. **Práxis Educacional**, vol. 5, n. 7, p. 97-114, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/603>. Acesso em: 13 nov. 2023

RIBEIRO, M. A. M. C; GOMES, C. A. C. Diversidade Sexual na Educação Superior: um Estudo de Caso. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, vol. 31, n. 1, p. 70-77, 2020. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/301. Acesso em: 12 nov. 2023.

RODRIGUES, D. C. *et. al.* Políticas Públicas Gerontológicas: Desafios, lacunas e avanços, uma revisão da literatura. **Revista Kairós-Gerontologia**, vol. 24, p. 203-220. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2021v24i0p203-220>. Acesso em: 14 nov. 2023;

ROHDEN, F. "O homem é mesmo a sua testosterona": promoção da andropausa e representações sobre sexualidade e envelhecimento no cenário brasileiro. **Horizontes Antropológicos**, vol. 17, p. 161-196, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/rSJCqbZ7bwHDyxzcvWNq3NF/?lang=pt#>. Acesso em: 12 nov. 2023

ROSAS, N.; ARAÚJO, B. G. P. de.; REIS, M. M.N; PINTO, L. E. De S. Sexo degradante e destruidor: uma análise sobre as interdições sexuais presentes nos livros evangélicos. **Religião & Sociedade**, vol. 41, n.1, p.243-273, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/gCzJTM8ctfqNS5Q9gf38Spy/?lang=pt#> . Acesso em: 12 nov. 2023

SAMPAIO, T. O. M. Percepção do tempo: da psicologia para a psicolinguística. **Letras Hoje**, vol. 51, n. 3, p. 374-383, 2016. Disponível em: <https://revista-seletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/22264>. Acesso em: 14 nov. 2023.

SANTOS, S. C. dos; SOUZA, M. A. S. de; PEREIRA, J. da S.; ALEXANDRE, A. C. S.;

RODRIGUES, K. F. A percepção dos idosos sobre a sexualidade e o envelhecimento / Elderly perception about sexuality and aging. **Brazilian Journal of Health Review**, vol. 3, n. 2, p. 3486–3503, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/9071>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SENKEVICS, A. S., ; CARVALHO, M. P. de. Ofício de vestibulando: impasses da juventude na transição para o ensino superior. **Educação e Pesquisa**, vol. 49, p. 1-20 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/kmC5zbT84LK-9CynB8NF4K6h/?lang=pt#>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SILVA, E. P., & ARCANJO, F. G. História da ciência, epistemologia e dialética. **Trans/formação**, v. 44., n. 2, p. 149–174, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/6J8grRSZ78dgcLryCLfFvyM/#ModalHowcite>. Acesso em: 13 nov. 2023

SOARES, K. G.; MENEGHEL, S. N. O silêncio da sexualidade em idosos dependentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 26, n. 1, p. 129–136, jan. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/zKHkCkv9LPWPVQ8JYpyRR-jp/?lang=pt>. Acesso em 13 de nov. 2023

SOARES *et. al.* Representações sociais de adolescentes escolares sobre o envelhecimento: um estudo intergeracional. In: SILVA; SOUZA (org), **Enfermagem: Desafios e Perspectivas para a Integralidade do Cuidado**. Guarujá, São Paulo, p. 268-284, 2020. Disponível em: <https://www.editora-cientifica.com.br/articles/code/210805660>. Acesso em: 13 nov. 2023

VIEIRA *et. al.* Representação social das relações sexuais: um estudo transgeracional entre mulheres. **Psicologia: Ciência e Profissão**, vol. 36, n. 2, p. 329-340. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/tnnBmB6vVRFv-NNsPxxHtNVs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2023.